



A preciosa mensagem de 1888

The precious message of 1888

Jean Zukowski¹

Resumo / Abstract



Entre as datas que recebem destaques na história da igreja adventista está 1888. Neste ano aconteceu a reunião da Conferência Geral da Igreja Adventista em Minneapolis. Dentre todos os eventos que marcaram esta reunião destaca-se o fato de Ellen G. White ter afirmado que nesta conferência Deus apresentou “a mais preciosa mensagem” através dos irmãos Waggoner e Jones. Esta declaração de Ellen G. White tem despertado grande interesse nos círculos adventistas levando muitos historiados e teólogos adventistas estudarem os eventos históricos e debate teológico pré e pós conferência tentando entender qual seria esta mensagem. Este artigo pretende analisar qual seria esta “mais preciosa mensagem” e qual sua relevância para os dias atuais, através de um estudo histórico e teológico dos eventos e debates que pautaram a Conferência Geral de 1888 em Minneapolis.

Palavras-chave: Minneapolis; 1888; Conferência Geral; Adventismo



The year of 1888 is one of the prominent dates in the history of the seventh Day Adventist Church. This is the year of the well known General Conference at Minneapolis. One of the highlights of this meeting is Ellen G. White's claim that God presented at the conference “the most precious message” through brothers Waggoner and Jones. This statement of Ellen G. White has aroused great debates in Adventist circles by leading historians

¹ Doutor em Teologia pela Andrews University, EUA. Professor no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: jean.zukowski@unasp.edu.br

and theologians on its historical and theological significance by explaining what would be this “most precious message”. On this article it will be analyzed what is “the most precious message” and its relevance for the SDA church today, by looking into the historical events and theological debates of the General Conference session of 1888 at Minneapolis.

Keyword: Minneapolis, 1888, General Conference; Adventism



Na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) a controversa Conferência Geral de 1888 tem sido motivo de grandes debates e interpretações. Documentações históricas foram feitas tentando retratar o que realmente aconteceu durante e após a conferência. Diferentes posições têm sido apresentadas sobre o significado de mensagem de 1888 e a aceitação da mesma pela igreja, tanto pelos indivíduos como em nível de organização.

Entre os diferentes pontos de vista apresentados, há um grupo que defende a necessidade de um arrependimento denominacional coletivo porque, segundo eles, houve rejeição, por parte da liderança da igreja, à mensagem apresentada na Conferência Geral de 1888.² Por outro lado, há um grupo que vê o resultado de 1888 como grande vitória para a igreja. Segundo eles, a igreja experimentou

14

² Os principais defensores desta posição são Robert J. Wieland e Donald K. Short (1987, p. 26-63; 1991, p. 121-130). Eles propõem que, devido a não aceitação da mensagem pregada por E. J. Waggoner e A.T. Jones pela maioria dos líderes que participaram da Conferência Geral de 1888 em Minneapolis, a igreja como um todo precisa de um arrependimento coletivo, que lhe permitirá pregar a última mensagem de esperança ao mundo. Eles dizem que, segundo Ellen G. White, o pecado daqueles que rejeitaram a mensagem de 1888 é da mesma natureza do pecado da rejeição judaica de Jesus como o Messias. Eles argumentam que, apesar da liderança da igreja ter declarado, várias vezes, depois de 1888 a aceitação da mensagem da justificação pela fé pregada em 1888, esta foi apenas uma confissão institucional, mas nunca uma experiência de transformação da igreja como resultado da aceitação da verdade apresentada em 1888. Mais do que um arrependimento individual, um arrependimento corporativo demonstrará que, individualmente, houve uma tristeza pelos pecados cometidos por outros no passado, como se pertencessem a eles; este tipo de arrependimento é necessário neste caso, porque a rejeição da mensagem de 1888 pelos líderes de igreja foi uma rejeição do próprio Cristo.

uma rejeição momentânea a mensagem, mas nos anos que se seguiram ela aceitou plenamente a justiça de Cristo como sendo vital para a salvação.³

A distinção entre essas duas posições e outras não está relacionada, apenas, aos acontecimentos históricos que antecederam e precederam à Conferência de Minneapolis em 1888, e com os principais personagens que participaram naquela conferência (A. T. Jones, E. J. Waggoner, G. I. Butler, U. Smith, e Ellen G. White), mas principalmente na sua compreensão da mensagem pregada por Waggoner e Jones, que foi endossada por Ellen G. White. De acordo com Ellen G. White (2006, p. 200) “Em sua grande misericórdia, enviou o Senhor preciosa mensagem a seu povo por intermédio dos pastores [E. J.] Waggoner e [A. T.] Jones”.

Considerando que as posições acima mencionadas e muitas outras obras sobre a mensagem de 1888 utilizam os mesmos dados históricos, mas chegam a conclusões diferentes, algumas perguntas merecem ser respondidas em relação à própria mensagem de 1888: Qual é a mensagem de 1888? Qual era a visão de Ellen G. White sobre essa mensagem? Qual era o significado dessa mensagem para a IASD em sua época e hoje?

O objetivo deste artigo é analisar o significado da “mais preciosa mensagem”, apresentada na Conferência Geral de 1888 da IASD.

Para realizar essa tarefa o artigo será dividido da seguinte maneira: na primeira parte será analisada a mensagem apresentada por Waggoner e Jones na Conferência Geral de 1888, as razões para essa mensagem, e as principais contribuições de cada um de seus expositores. Na segunda parte, será discutido qual é a visão, a importância e contribuição de Ellen G. White para essa mensagem. A terceira parte irá analisar a recepção da mensagem na conferência de 1888, a curto e longo prazos sobre a liderança e leigos, a sua contribuição para a realização da missão da Igreja Adventista, bem como sua relevância hoje.

A justificação pela fé e todo o contexto da Conferência Geral de 1888 suscitou muitas controvérsias na IASD.⁴ No entanto, no presente trabalho,

³ Alguns dos defensores desta posição são: N. F. Pease (1945); L. H. Christian (1947); A. W. Spalding (1949); Knight (1987; 2005; 1998).

⁴ As controvérsias mais recentes relacionadas com a mensagem de 1888 são: a controvérsia Brinsmead, Comitê de Estudos da Mensagem de 1888 (1888 Message Study Committee), e a Conferência de Palmdale. Para maiores informações sobre as controvérsias acima mencionadas, veja: George R. Knight (1988); 1888 Message Study Committee (19--); 1888 Message Study Committee (1990); 1888 Message Study Committee (1992); 1888 Message Study Committee (1994); 1888 Message Study

os temas polêmicos não serão analisados com base em qualquer movimento controverso (específico), nem será apresentada uma solução ou resposta definitiva para as questões ainda em desacordo entre as diferentes partes. Este trabalho irá analisar a justificação pela fé, tanto quanto possível, a partir das fontes primárias disponíveis. O entendimento da justificação pela fé neste artigo irá refletir a compreensão do autor do artigo à luz da leitura dessas fontes.

O s mensageiros e sua mensagem

A “mensagem mais preciosa”, apresentada por Jones e Waggoner na Conferência Geral de 1888 é muito bem definida por Ellen G. White, da seguinte forma:

Em sua grande misericórdia, enviou o Senhor preciosa mensagem a seu povo por intermédio dos Pastores Waggoner e Jones. Esta mensagem devia pôr de maneira mais preeminente diante do mundo o Salvador crucificado, o sacrifício pelos pecados de todo o mundo. Apresentava a justificação pela fé no Fiador; convidava o povo para receber a justiça de Cristo, que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus. Muitos perderam Jesus de vista (WHITE, 2002, p. 91).

Esta mensagem recebeu grande apoio de Ellen G. White devido à maneira como foi apresentada: um estudo da justiça de Cristo firmemente enraizado na bíblia. O cerne da mensagem era realçar Cristo como salvador e o único caminho pelo qual podemos ser salvos. Ela apresenta a relação correta entre a lei e a graça, é essencial para a proclamação do evangelho e solução para os problemas da igreja tanto no passado como no presente.

Committee (1999); Ralph H. Blank, Ellen Gould Harmon White (1998); Pedro Geli (1969); A. L. Hudson (1987); Raymond John Plummer (1970); Jack Sequeira (1971); Donald K. Short and 1888 Message Study Committee (2001); David Arnold Van Denburgh (1972); White; Robert J. Wieland (1976); Wieland (1991) Wieland(1992); Robert J. Wieland (1997); Robert J. Wieland and 1888 Message Study Committee (19--); Robert J. Wieland and 1888 Message Study Committee (1990); Robert J. Wieland and 1888 Message Study Committee (1994); Robert J. Wieland and 1888 Message Study Committee (1998); Robert J. Wieland and 1888 Message Study Committee (1888 Message, 2000); Wieland e Short (1987); Steve Wohlberg (1995).

Muito embora Ellen G. White não concordasse com todos os pontos apresentados por Jones e Waggoner, ela ainda assim disse que eles foram usados por Deus na apresentação desta mensagem.

Na Conferência Geral de 1888 apenas Waggoner apresentou temas relacionados aquilo que Ellen G. White chamou a “mensagem mais preciosa”. Sendo assim, nesta sessão será analisada a visão dele sobre o tema. O texto original das onze palestras apresentadas por Waggoner sobre justificação pela fé, na sessão da Conferência Geral e instituto bíblico em 1888 não foram preservados de forma escrita. Sendo assim, as ideias de Waggoner apresentadas nesta seção, têm como fonte os artigos publicados na revista *Signs of the Times* de 1886 a 1888 e seu livro *Christ and His Rihteousness*, publicado em 1890. Todos os pontos apresentado nesta seção representam a visão de Waggoner sobre o tópico, mas não representam necessariamente aquilo que foi apresentado em 1888, nem em sua totalidade aquilo que foi endossado por Ellen G. White como sendo a visão correta a ser adotada pela Igreja Adventista.

A visão de Waggoner sobre justificação pela fé⁵

17

A exposição bíblica de Waggoner coloca Cristo como centro dentre todos os outros temas. Sua primeira preocupação foi afirmar que Cristo é Deus. Cristo não era um semideus ou possuía apenas alguns dos atributos da divindade. Ele disse:

observe a expressão, “o Filho unigênito, que está no seio do Pai.” Ele tem sua habitação lá, e Ele está lá como uma parte da divindade, tão verdadeiramente no céu como quando na terra. O uso do presente implica numa existência continua. O texto apresenta a mesma ideia contida na declaração de Jesus aos Judeus (Jo 8:58), “Antes que Abraão existisse, Eu sou.” E novamente isto mostra sua

⁵ Devido à natureza deste artigo serão apresentados apenas alguns dos pontos principais da mensagem defendida por Waggoner. Para maiores informações sobre a mensagem apresentada por Waggoner em 1888 e depois, veja: George R. Knight (1998, p. 81–102); David P. McMahon e Ellet J. Waggoner (s.d.); e Wieland (1988).

identidade com Aquele que apareceu a Moisés na sarça ardente, e declarou ser seu nome “Eu sou o que sou”. E, finalmente nós temos a palavra inspirada do apóstolo Paulo sobre Jesus Cristo, dizendo. “Porque aprovou a Deus que, nele, residisse toda a plenitude”(Cl 1:19). A plenitude, que habita em Cristo, nós aprendemos ser aquela descrita no próximo capítulo: “nele habita toda a plenitude da divindade corporeamente” (Cl 2:9). Isto é o mais absoluto e inequívoco testemunho do fato que Cristo possuía por natureza todos os atributos da divindade (WAGGONER; JOSEPH, 1999, p. 18, tradução livre).

Seu próximo argumento foi demonstrar, através de muitos textos bíblicos, que Jesus é criador e possui igualdade com o Pai, sendo parte da divindade.

Aqui nós encontramos o Pai falando do Filho como Deus, e dizendo-lhe: “Tu lançaste os fundamentos da terra, e os Céus são obras de tuas mãos”. Quando o próprio Pai concede esta honra ao Filho, quem é o homem para retirá-lo? Com isto nós podemos ter um testemunho direto em relação à divindade de Cristo e o fato que Ele é o criador de todas as coisas (WAGGONER; JOSEPH, 1999, p. 22, tradução livre).

18

Finalmente, ele ressalta que um entendimento correto da divindade de Cristo é essencial na compreensão do plano da salvação. “Nosso objetivo nesta pesquisa é estabelecer a posição correta da justiça de Cristo em igualdade com a do Pai, a fim de que Seu poder de remissão possa ser mais bem apreciado” (WAGGONER; JOSEPH, 1999, p. 23).

Provar a divindade de Cristo é crucial na teologia de Waggoner. O Jesus Deus e o Jesus homem precisam ser firmemente estabelecidos em sua visão, para um próprio entendimento do plano de salvação. Assim ele aventura-se em explicar ontologicamente qual seria a natureza humana e divina de Cristo. Primeiro ele argumenta que a divindade de Jesus advém de seu nascimento. Ele é Deus porque Ele é nascido de Deus. Ele diz: “Os anjos são filhos de Deus, assim como Adão (Jó 38:7; Lc 3:38), por criação; os cristãos são filhos de Deus por adoção (Rm 8:14, 15), mas Cristo é o Filho de Deus por nascimento” (WAGGONER; JOSEPH, 1999, p. 16, tradução livre). “A Bíblia declara que Cristo é ‘o único Filho gerado de Deus.’ Ele é gerado, não criado”. Ele entende que na infinidade do passado Cristo teve um começo. “Houve um tempo quando Cristo procedeu e veio de Deus, do seio do Pai (Jo 8:42; 1:18), mas esse tempo ocorreu num passado tão lon-

gínquo da eternidade que, para a compreensão finita, isto é praticamente sem começo” (WAGGONER; JOSEPH, 1999, p. 26).

Após discutir a divindade de Cristo ele fala do Jesus homem. Para ele Cristo é Deus manifestado em carne. Ele enfatiza que a encarnação, o tomar sobre si a natureza humana, é essencial para Cristo como salvador, pois assim ele se torna nosso exemplo em tudo. Waggoner defende que Cristo tomou não apenas um corpo carnal, mas uma natureza pecaminosa:

O fato de Cristo tomar sobre si carne, não de um ser sem pecado, mas de um homem pecador, indica que esta carne que Ele assumiu tinha toda a fraqueza e tendências pecaminosas que a natureza humana caída está sujeita. Isto é mostrado na seguinte declaração: Ele “foi feito da semente de Davi segundo a carne.” Davi tinha todas as paixões da natureza humana (WAGGONER; JOSEPH, 1999, p. 31, tradução livre).

Segundo ele, a vitória de Cristo sobre o pecado possibilitou ao homem livrar-se do pecado. “Ele foi feito pecado para que nós pudéssemos nos tornar justos” (WAGGONER; JOSEPH, 1999, p. 33). Sua vitória sobre o pecado foi possível devido a sua natureza divina.

19

Como foi que Cristo pôde compadecer-se com nossas enfermidades (Hb 5:2) e ainda permanecer sem pecado? Alguns podem ter pensado, ao lerem até aqui, que nós estamos depreciando o caráter de Jesus ao colocá-lo no mesmo nível de um homem pecaminoso. Ao contrário, nós estamos simplesmente exaltando o “Poder Divino” de nosso abençoado Salvador, que voluntariamente desceu ao nível de homem pecador a fim de que Ele pudesse exaltar o homem a sua própria pureza sem mancha, aquela que Ele manteve mesmo durante circunstâncias adversas. Sua humanidade apenas cobria sua natureza divina, pela qual Ele estava inseparavelmente conectado com o Deus invisível que era mais do que capaz de resistir às fraquezas da carne. Durante toda sua vida ocorreu uma batalha. A carne, movida pelo inimigo de toda justiça, tinha a tendência de pecar. Todavia, sua natureza divina, nunca, por nenhum momento, acariciou qualquer desejo pecaminoso nem seu poder divino por qualquer momento vacilou (WAGGONER; JOSEPH, 1999, p. 33–34, tradução livre).

A visão da humanidade de Jesus e sua vitória sobre o pecado é o modelo para a vitória humana sobre o pecado. Para os seres humanos a vitória sobre o pecado só é possível quando este possui a natureza de Cristo. Assim como a natureza divina de Cristo o manteve inseparavelmente conectado com o Pai, a habitação de Cristo em nosso coração nos habilitará a vencer o pecado. Ele diz:

quem poderia pedir mais? Cristo, no qual habitava toda a plenitude da divindade corporeamente, pode habitar em nosso coração para que nós possamos ficar cheios da plenitude de Deus [...]. Todo o poder que Cristo tinha em si por natureza, nós podemos ter pela graça, por Ele livremente colocado sobre nós (WAGGONER; JOSEPH, 1999, p. 35, tradução livre).

Tendo estabelecido sua visão sobre a divindade e a humanidade de Cristo e procurado mostrar como uma aproximação centrada em Cristo ao desvendar as verdades bíblicas é fundamental para o próprio entendimento do plano da salvação, Waggoner aborda os aspectos práticos da vida cristã, onde Cristo é reconhecido como Deus e criador.

Seu primeiro argumento é que se Cristo é criador Ele criou o sábado. Como criador, Ele é o senhor do sábado e não poderia tê-lo abolido.

o ponto é simples: para Cristo ter mudado ou abolido o sábado teria assim que destruir aquilo que chamamos a mente divina. Se Cristo tivesse abolido o Sábado, ele teria desfeito o trabalho de suas mãos e assim teria trabalhado contra si mesmo, e um reino dividido, não pode subsistir (WAGGONER; JOSEPH, 1999, p. 39, tradução livre).

Ele continua dizendo que Jesus é o mesmo Jeová que apareceu a Moisés no Sinai. Ele é o doador da lei: “Assim como Cristo é a manifestação do Pai na criação, assim Ele é a manifestação do Pai ao dar e executar a lei” (WAGGONER; JOSEPH, 1999, p. 46). Portanto, Ele não poderia ter abolido o Sábado. Waggoner apresentou também quais são os benefícios materiais e espirituais para todos aqueles que santificam esse dia.

A parte principal de sua mensagem começa quando ele apresenta o tema da justificação pela fé. Segundo Waggoner (1999, p. 56), a lei de Deus é a sua justiça. Depois de citar Salmo 119:172 e Isaías 51:6 e 7 ele conclui dizendo: “que aprendemos disto? Que aqueles que conhecem a justiça de

Deus são aqueles que têm a lei de Deus em seu coração, e também que a lei de Deus é a justiça de Deus”. Ele continua dizendo que a justiça é obedecer a lei de Deus, e para seres humanos serem justos, eles precisam obedecer aos mandamentos de Deus. Entretanto, ele apresenta que a lei é espiritual e seres humanos são carnis. Ela não pode justificar todos aqueles que a desobedecem e a sua justiça não pode ser alcançada pelos seres humanos porque eles possuem uma natureza pecaminosa. Seres caídos não têm poder de obedecer à lei. Ele sumariza esse ponto da seguinte maneira:

O caso então é definido assim: 1) A lei de Deus é perfeita justiça, e todos aqueles que entrarão no reino dos Céus necessitam estar em perfeita conformidade com ela; 2) entretanto, a lei de Deus não tem uma partícula de justiça para conceder a nenhum ser humano, pois todos são pecadores e estão impossibilitados de conformar-se com seus requerimentos. Independente de quão diligentemente ou zelosamente alguém aja, nada que faça alcançará a totalidade dos requerimentos da lei. Estes são muito altos para que possa alcançar; não pode obter justiça pela lei (WAGGONER; JOSEPH, 1999, p. 63, tradução livre).

O problema então, é: como o ser humano pode ser justificado? Como são perdoados os pecados? Waggoner é direto em responder:

21

Cristo foi enviado por Deus como aquele pelo qual perdão de pecados pode ser obtido; e este perdão consiste simplesmente na declaração de sua justiça (que é a justiça de Deus) para remissão de pecados. Deus, “que é rico em misericórdia” (Ef 2:4) e que tem prazer nisto, coloca sua própria justiça sobre pecadores que acreditam em Jesus como um substituto para seus pecados (WAGGONER; JOSEPH, 1999, p. 69, tradução livre).

O entendimento de Waggoner sobre justificação implica mais do que cobrir pecados. Ele argumenta que, desde que a justificação de Deus é a lei de Deus, qualquer um, num estado de justificação, estará em conformidade com a lei. Ele diz:

Mas o que significa “a justiça de Deus sem a lei”? Como isso se harmoniza com a declaração de que a lei é a justiça de Deus, e que fora de seus requerimentos não há justiça? Aqui não há nenhuma

contradição. A lei não é ignorada pelo processo. Observe cuidadosamente: quem deu a lei? Cristo. Como Ele o fez? “Como alguém que tem autoridade”, mesmo como Deus. A lei foi dada por Ele como foi dada pelo Pai, e é simplesmente uma declaração da justiça de seu caráter. Portanto, a justiça que vem pela fé de Jesus Cristo é a mesma justiça que é epitomizada na lei, e esta é mais ainda comprovada pelo fato de que é “testemunhada pela lei” (WAGGONER; JOSEPH, 1999, p. 70, tradução livre).

Ele argumenta que quando Jesus nos cobre com sua roupa de justiça, Ele não nos fornece uma capa para cobrir os nossos pecados, mas retira de nós esses pecados (WAGGONER; JOSEPH, 1999, p. 74). Aqueles que são justificados pela fé tornam-se novas criaturas, eles nascem de Deus. Ele enfatiza, porém, que todo esse processo de purificação de pecados, perdão, justificação é realizado em nós através da graça de Deus, e nenhum teste especial de fé é requerido de pecadores a fim de que eles possam ser considerados filhos de Deus. Ele diz:

22

Observe que ao ser justificados por sua graça é que nós somos feitos herdeiros [...] Isso mostra que não há nenhuma base para a ideia de que alguém deve passar por um tipo de teste e alcançar um certo grau de santidade antes de Deus aceitá-lo como seu filho (WAGGONER; JOSEPH, 1999, p. 76, tradução livre).

Muito embora, seres humanos possam sentir-se não merecedores da graça de Deus, eles foram comprados por um alto preço, o sangue de Jesus, e Deus não os rejeitará, pois já pagou o preço dos seus pecados na cruz. Ele pergunta para aqueles que dizem, “eu não mereço, não tenho valor”, iria Cristo rejeitar aqueles que Ele mesmo já comprou?

Você poderia ter algum temor se o negócio já não tivesse sido fechado e o preço não tivesse sido pago. Se Ele fosse rejeitá-lo, baseado no fato de que você não tem valor, Ele não somente teria perdido você, mas também teria perdido o preço pago para resgatá-lo. Mesmo que o produto que você tenha adquirido não corresponda ao valor que você pagou por ele, você nunca seria tolo a tal ponto de jogá-lo fora. Você procuraria receber alguma coisa em troca, em vez de não receber nada (WAGGONER; JOSEPH, 1999, p. 80, tradução livre).

Outro ponto defendido por Waggoner é que a justiça de Deus será vista na vida daqueles que foram justificados. Para ele “A Bíblia diz que ‘o justo viverá pela fé’” e que a “justiça de Deus é ‘revelada de fé em fé’”. Ele firmemente declara que através da justificação cristãos são libertados da escravidão do pecado e pela fé podem ser vitoriosos contra as tentações de Satanás. Fé, para Waggoner, é mais do que uma mera crença; é uma fé viva que pelos méritos de Cristo dá poder ao cristão para que ele possa obter vitória sobre o pecado. É uma fé que faz o cristão ser justo, cumpridor da lei.

Não faz diferença o quanto uma pessoa possa se gloriar na lei de Deus. Se ele rejeita ou ignora uma fé implícita em Cristo, seu estado não é melhor do que daquele que abertamente transgride a lei. O homem de fé é o único que, verdadeiramente, honra a lei de Deus. Sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11:6); com Ele, todas as coisas são possíveis (Mc 9:23) (WAGGONER; JOSEPH, 1999, p. 107, tradução livre).

Contexto histórico

23

A importância e contexto da mensagem dada por Jones e Waggoner em 1888 estão intimamente ligados com a situação da igreja antes da Conferência Geral e as expectativas do fim do tempo devido à discussão sobre a aprovação de uma lei nacional sobre a observância do sábado. Muitos estados do EUA já haviam promulgado leis dominicais e pastores adventistas estavam sendo perseguidos e presos devido a isso. Jones tinha publicado muitos artigos sobre o assunto e algumas pessoas, na igreja, estavam esperando que as últimas profecias se cumprissem, possibilitando a segunda volta de Jesus.

Muito embora a mensagem fosse a pregação da segunda vinda de Cristo, Ellen G. White, já por um longo tempo estava alertando para o fato de que a igreja não estava preparada para finalizar o trabalho de pregação do evangelho. Em 1854 ela disse: “Vi que o remanescente não estava preparado para o que está para sobrevir à Terra. Estupefação, como desinteresse, parece possuir a mente da maioria dos que professam crer que estamos vivendo a última mensagem” (WHITE, 1976, p. 119). Em 1855, ela alertou para o fato de que a igreja era culpada do pecado de Meroz. Em 1856, ela identificou a IASD como Laudicéia, porque não prevalecia entre eles a piedade e nem

humildade. Em 1867, ela disse que apenas o remanescente do remanescente seria salvo. Em 1868 não havia 1 em 20 que estavam vivendo em harmonia com a Palavra de Deus, segundo Ellen G. White. Em 1873 ela mencionou que a fé na breve vinda de Cristo estava desfalecendo. Em 1882, foi convocado um dia especial de jejum e oração, devido à condição espiritual da igreja. Em 1887, ela comparou a pregação adventista com os secos vales de Gilboa (DAMSTEEGT, 1995, p. 63).

Ellen G. White, antes da conferência de 1888, teve que trabalhar arduamente para promover a unidade entre os dois jornais de maior circulação da IASD na época, devido aos diferentes pontos de vista apresentados por seus editores. Havia sido concedida a ela uma mensagem especial a ser dada sobre a necessidade de união entre a liderança da igreja, a fim de que a conferência pudesse ser um sucesso (WHITE, 1987, p. 86–106). Ela fez todo esforço possível para chamar a atenção da liderança da igreja para a importância da mensagem que seria apresentada em Minneapolis, mas a mesma condição de apatia da igreja de Battle Creek fez-se presente na conferência de 1888. Para ela,

o espírito que tem prevalecido nesta reunião não é o de Cristo. Não há amor, nenhuma simpatia ou compaixão de um para com os outros. Terríveis suspeitas têm sido sugeridas por Satanás para causar dissensões. Raízes de amargura tem se espalhado através das quais muitos serão contaminados. Cristãos não deveriam alimentar nenhum pensamento mau ou de inveja, pois esse espírito é o de Satanás (WHITE, 1987, v. 3, p. 94).

O clima de conflito e desunião não permitiu aos delegados presentes na conferência receber a bênção confirmada e proclamada por Ellen G. White depois da conferência de Mineápolis.

A visão de Ellen G. White

Ellen G. White foi uma influência decisiva nas reuniões de Mineápolis, em 1888. Seus sermões, apesar de não abordarem a mensagem da justificação pela fé, foram um claro apelo aos líderes da igreja para serem receptivos à orientação do Espírito Santo e uma chamada para um estudo profundo da Bíblia onde Jesus Cristo deve ser exaltado. Embora muitos líderes rejeitassem a mensagem na sessão da Conferência Geral de 1888, nos anos que se

seguiram, o apoio de Ellen G. White à mensagem de Jones e Waggoner sobre a justificação pela fé foi decisivo para que ocorressem grandes avivamentos em muitos lugares e na disseminação da mensagem entre leigos e liderança da igreja. Ela não endossou todas as conclusões teológicas de Jones e Waggoner,⁶ mas exortou a igreja a aceitar a “mensagem mais preciosa” trazida por eles.

Para ela, a mensagem apresentada não era nova luz. Em suas palavras: “Esta não era uma nova luz para mim, pois as tenho recebido de uma autoridade superior nos últimos 44 anos, e tenho apresentado ao nosso povo, por pena e voz nos testemunhos pelo Seu Espírito” (WHITE, 1958, p. 168, tradução livre). Depois das reuniões de 1888 a ênfase de Ellen G. White sobre a justificação pela fé demonstra o quanto foi importante essa mensagem para a IASD naquele tempo e hoje.⁷

Embora Ellen G. White não tenha pregado especificamente sobre o tema da justificação pela fé na sessão da Conferência Geral de 1888, ela abordou a importância do assunto em seus sermões. Em uma palestra matinal ela disse que

Os membros da igreja de Cristo devem reunir os raios da luz divina de Jesus, e refleti-los aos outros, deixando um rastro luminoso no céu por todo o mundo. Eles devem ser como as virgens prudentes, tendo as suas lâmpadas prontas e acesas, representando o caráter de Cristo para o mundo. Não estamos satisfeitos com nada menos do que isso. *Não devemos nos satisfazer com nossa própria justiça e conteúdo sem um profundo mover do Espírito de Deus* (WHITE, 2000b, p. 23, grifo nosso, tradução livre).

25

⁶ Um exemplo de divergência entre Ellen G. White e os pastores Jones e Waggoner em pontos teológicos é encontrado em sua carta para G. I. Butler [outubro 14, 1888], onde ela ressalta que o seu guia angelical mostrou-lhe que nem os pastores Butler ou Waggoner tinham a posição perfeita na questão da lei em Gálatas. “Ele [o guia angelical] disse que a obra de Cristo na Terra foi para desfazer os fardos pesados e deixar em liberdade os oprimidos, quebrar todo o jugo, e a obra de Seu povo deve corresponder à obra de Cristo. Ele estendeu a braços tanto para o Dr. Waggoner quanto para você Elder Butler, e disse em essência o seguinte: ‘Nenhum dos dois tem toda a luz sobre a lei, nenhuma posição é perfeita.’ A luz é semeada para o justo, e a alegria para os retos de coração” [Ps. 97:11]” (WHITE, 1987, v. 3).

⁷ Os livros de Ellen G. White publicados logo depois da Conferência de Minneapolis (*Caminho a Cristo* [1892], *Sermão da Montanha* [1896], *Desejado de Todas as Nações* [1898], *Parábolas de Jesus* [1900], e *Ministry of Healing* [1905]) tiveram uma ênfase muito grande no trabalho salvífico de Cristo em favor dos seres humanos.

Ela continuou dizendo que os ministros “devem pôr de lado sua autoestima e autoimportância, e revestir-se do Senhor Jesus Cristo” (WHITE, 2000b, p. 24).

Em seu sermão de 21 de outubro, ela indica com clareza que “não há poder na lei para salvar e perdoar o transgressor. Então, o que ela faz? Ela traz o pecador arrependido a Cristo” (WHITE, 1958, p. 40). Ela continuou apresentando seus pontos de vista no processo de salvação, salientando o bom relacionamento entre a lei e a graça (salvação pela fé), e o papel da lei na salvação. Ela disse: “Por que ele [Paulo] pregou a fé em Cristo? Porque Cristo é Aquele que redimiu os pecadores da pena da lei. A lei aponta para o remédio do pecado — arrependimento para com Deus e a fé em Cristo.”

Ela afirmou que a lei não poderia ser mudada, senão a vinda de Cristo a este mundo seria inútil. A morte de Cristo no lugar dos pecadores era a prova da imutabilidade da lei. “Se Deus pudesse mudar sua lei para satisfazer ao homem em seu estado caído, Cristo não precisaria ter vindo a este mundo. Porque a lei era imutável, inalterável, Deus enviou Seu Filho unigênito para morrer pela raça caída” (WHITE, 1958, p. 41). Depois disso, ela afirmou que Cristo tomou sobre si a culpa dos pecadores e imputou-lhes sua justiça, permitindo-lhes assim obedecer aos preceitos da lei.

26

Mas será que o Salvador tomou sobre si a culpa dos seres humanos e imputou-lhes sua justiça, a fim de que continuem a violar os preceitos do Senhor? Não, não! Cristo veio porque não havia possibilidade do homem guardar a lei em sua própria força. Ele veio para trazer-lhes forças que os habilitariam a obedecer aos preceitos da lei (WHITE, 1958, p. 41).

Ela continuou dizendo que cada vez que um pecado é cometido pecadores podem se arrepender e “vir a Deus e dizer: ‘Ó Pai, peço perdão pelos méritos de um Salvador crucificado e ressuscitado.’ Deus aceita todos os que vêm a Ele em nome de Jesus.”

Depois de Minneápolis, Ellen G. White continuou salientando a importância da salvação somente pela fé em Cristo, a salvação como um dom gratuito de Deus, e Cristo como o único caminho para salvação. Em uma carta aberta para a igreja em abril de 1889, ela afirmou que a salvação é um dom gratuito e só é obtida mediante a fé na justiça de Cristo.

A religião de Jesus Cristo não tem sido tão claramente definida como deveria ser, para que as almas que buscam o conhecimento

do plano de salvação possam discernir a simplicidade da fé. Nestas reuniões, isso tem sido feito de forma clara que até uma criança pode entender o que é uma renúncia imediata, voluntária e confiante do coração a Deus — o entrar em união com Cristo, na certeza de uma cuidadosa obediência de todos os seus mandamentos, pelos méritos de Jesus Cristo. É um ato decisivo do indivíduo entregar ao Senhor a guarda de sua alma. É o chegar-se a Cristo, agarrando-se a Ele, aceitando Sua justiça como um dom gratuito. A vontade é para ser entregue a Cristo. Pela fé na justiça de Cristo há salvação (WHITE, 1987, v. 1, p. 281).

No dia 23 de julho de 1889, em uma carta enviada aos anciãos M. e H. Miller, ela apresenta Jesus como o único caminho para se alcançar a salvação e a incapacidade dos seres humanos de produzir sua própria justiça.

As promessas de Deus abrangem todas as bênçãos espirituais necessárias para fracos e mortais pecadores, que não podem salvar ou abençoar a si mesmos. Aquilo que deve nos trazer a alegria mais profunda é o fato de que Deus perdoa os pecados. Se o buscarmos em sua Palavra e abandonarmos nossos pecados, Ele está pronto e disposto para nos purificar de toda injustiça. Ele nos dará um coração puro e a presença permanente do Seu Espírito, porque Jesus vive para interceder por nós. Mas tenham em mente, meus irmãos, que as coisas espirituais se discernem espiritualmente. É a fé viva, ativa e permanente que discerne a vontade de Deus, que se apropria das promessas, e benefícios através das verdades de Sua Palavra. Não é porque somos justos, mas porque somos dependentes, defeituosos, errantes, impotentes, que devemos confiar na justiça de Cristo, e não na nossa. Aquele que é rico e honrado e justo aos seus próprios olhos, não pode sentir sua miséria, assim ele não pedirá e não receberá. Ele não sente falta de nada, portanto será despedido de mãos vazias. Cristo disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida.” Se as nossas boas obras fossem o caminho, então Cristo não teria dito: “Eu sou o caminho”. Não são nossas ações e merecimentos que nos salvarão. Se o ser humano pudesse ganhar o céu pelo seu próprio esforço, Cristo não precisaria ter morrido para fazer expiação pelos nossos pecados. No entanto, todos os que trilham o caminho estreito que leva para céu, vão produzir

os frutos de santidade e dar provas que eles são a luz do mundo (WHITE, 1987, v. 1, p. 412–413, tradução livre).

Em 1890, Ellen G. White escreveu sobre suas preocupações em relação ao perigo de manterem-se falsas ideias sobre a justificação pela fé. “O perigo de mantermos, como povo, falsas ideias de justificação pela fé, me foi apresentado repetidas vezes” (WHITE, 1987, v. 2, p. 810). Apresentando que a coisa mais terrível é o pecado, e a única solução para o pecado é o dom gratuito de Deus através de Jesus Cristo, ela pergunta “Por que não entendemos que a coisa mais cara em todo o mundo é o pecado?” (WHITE, 1987, v. 2, p. 812). Para ela, todo pastor deve primeiro aprender as lições dos “princípios vivos da piedade prática”, antes de iniciar seu trabalho como ministro do evangelho, pois só assim, ele pode compreender e ensinar que a salvação “é inteiramente um dom gratuito.” Ela continua dizendo que:

A luz, a mim concedida por Deus, coloca esse importante assunto acima de qualquer dúvida em minha mente. A justificação é inteiramente de graça e não é obtida por quaisquer obras que o homem caído posso fazer [...] Todas as bênçãos devem vir através de um mediador [...] Tudo deve ser colocado sobre o fogo da justiça de Cristo para purificá-lo de seu odor da terra antes que ele suba em uma nuvem de incenso aromático para o grande Jeová e seja aceito como um doce perfume [...] Se você juntar tudo que é bom e santo, nobre e amável no homem, e, em seguida, apresentar o assunto aos anjos de Deus como sendo uma parte na salvação da alma humana ou como mérito para salvação, a proposta seria rejeitada como traição... Qualquer obra que o homem pode prestar a Deus será muito menos do que nada. Meus pedidos são aceitos apenas porque eles são colocados sobre a justiça de Cristo [...] Há perigo em relação à justificação pela fé como a colocação de mérito sobre a fé. Quando você toma a justiça de Cristo como um dom gratuito você é justificado gratuitamente por meio da redenção de Cristo (WHITE, 1987, v. 2, p. 812–824).

A ênfase de Ellen G. White na salvação como um dom gratuito, onde Cristo justifica os pecadores, imputando-lhes sua justiça, sem qualquer participação de agentes humanos está claro no texto acima e em todos os seus escritos.

Ellen G. White advogava que a mensagem da justificação pela fé tinha que ser ensinada em um nível prático. A justiça de Cristo deveria levar as pessoas à devoção, piedade e santificação. Ela disse que:

Muitos cometem o erro de tentar definir minuciosamente todos os pontos que distinguem justificação e santificação. Nas definições destes dois termos muitos apresentam suas próprias ideias e especulações [...] Por que tentar detalhar todos os pontos, como se a salvação da alma requeresse que todos tenham exatamente a sua compreensão sobre este assunto? Nem todos têm a mesma visão. Você está em perigo de fazer de um mundo um átomo e de um átomo um mundo (WHITE, 1987, v. 2, p. 897–898).

Para ela, a justiça de Cristo envolve justificação e santificação. Todos os aspectos da vida cristã relacionados com a preparação adequada para a segunda vinda de Cristo são parte da mensagem do terceiro anjo, que inclui a justiça de Cristo.

Embora Ellen G. White considerasse não ser importante distinguir todos os aspectos da justificação e santificação, ela apresentou em seus escritos explicações simples, mas importantes para as terminologias salvíficas bíblicas. Ela disse que:

Perdão e justificação são um e a mesma coisa [...] Justificação é o oposto de condenação [...] Seu [de Cristo] sacrifício satisfaz plenamente as exigências da justiça [...] Através da fé em Cristo, o transgressor culpado é posto no favor de Deus e na forte esperança da vida eterna [...] A bênção vem por causa do perdão; o perdão vem através da fé de que o pecado, quando confessado e arrependido, é colocado sobre o grande portador de pecado. Assim, a partir de Cristo vêm todas as nossas bênçãos (WHITE, 1987, v. 2, p. 898–899).

Arrependimento não precede o perdão dos pecados [...] O arrependimento é tanto o dom de Cristo, como o é o perdão [...] [A justificação pela fé] é a mensagem do terceiro anjo, em verdade [...] Deus tem a luz para o seu povo, e todos os que a aceitarem verão a pecaminosidade de ficar em uma condição morna [...] O vestido branco é a justiça de Cristo, a veste nupcial que só Cristo pode dar [...] Aos nossos irmãos que estão parados nesta posição

autoconfiante, de auto-satisfação, que falam e agem como se não houvesse necessidade de mais luz, queremos dizer que a mensagem de Laodicéia é aplicável a eles (WHITE, 1890, p. 1, 2).

A visão de Ellen G. White sobre a justiça de Cristo é mais ampla do que a de Waggoner. Ela não só falou sobre os aspectos teológicos, mas também explorou as implicações escatológicas. Para ela, a justiça de Cristo era a parte que faltava na pregação adventista em 1888. Cristo deveria ser exaltado em todos os momentos em que a verdade da Bíblia fosse apresentada. A mensagem da justiça de Cristo era parte integrante da mensagem do terceiro anjo que iria preparar a igreja para a última chamada, o alto clamor, chamando as pessoas para estarem preparadas para encontrar-se com o Deus prestes a vir. Essa era a mensagem que tiraria a igreja de Laodiceia de sua condição morna. Os cristãos salvos pela fé em Jesus experimentarão uma vida de vitória sobre o pecado (WHITE, 2000a, p. 311). Eles crescerão na graça. Seus desejos estarão em sintonia com Jesus. Ela disse que “quando nos revestimos da justiça de Cristo, não temos nenhum prazer no pecado, pois Cristo estará trabalhando conosco. Poderemos cometer erros, mas odiaremos o pecado que causou os sofrimentos do Filho de Deus” (WHITE, 2008, p. 360).

30

A todos os cristãos que vivem nos últimos dias da história deste mundo, ela desafia a seguir o modelo de vida de Enoque dizendo: “O caráter piedoso deste profeta representa o estado de santidade que deve ser alcançado por aqueles que não de ser “comprados da Terra” (Ap 14:3), por ocasião do segundo advento de Cristo” (WHITE, 2009, p. 88, 89). Ela apresenta como a fé de Jesus realizará sua obra entre aqueles que estarão em pé quando Ele voltar, separando o trigo do joio, o tempo em que seu povo refletirá plenamente o caráter de Cristo no mundo. “Quando o caráter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como seus” (WHITE, 1986, p. 69).

Em suma, o endosso dado por Ellen G. White à mensagem da justiça de Cristo pregada por Jones e Waggoner é visto claramente em seus escritos. Ela não só defendeu a pregação da justiça pela fé, como também a ampliou e posicionou como uma parte da verdade presente, que deve ser urgentemente pregada ao mundo, a mensagem do terceiro anjo. Os principais pontos da compreensão de Ellen G. White sobre a justificação pela fé e a justiça de Cristo são:

- 1) Salvação é um dom de Deus;
- 2) Nenhum ser humano pode ser justificado pelas obras;

- 3) Justificação é perdão dos pecados;
- 4) Justificação pela fé e a justiça de Cristo são partes da mensagem do terceiro anjo;
- 5) Não há poder na lei para salvar e perdoar o transgressor;
- 6) A justiça de Cristo envolve justificação e santificação;
- 7) A justiça de Cristo permite aos seres humanos guardar a lei;
- 8) Não há desculpa para o pecado;
- 9) O remanescente de Deus refletirá como povo plenamente o caráter de Cristo no mundo antes da segunda vinda de Jesus.

Nova luz vinda de Minneápolis

31

A luz significativa de Minneápolis para a IASD não veio apenas da pregação de Jones e Waggoner, mas também das conexões feitas por Ellen G. White sobre a compreensão histórico-profética da Bíblia, defendida pelos Adventistas do Sétimo Dia.

A maior contribuição de Jones e Waggoner foi apresentar todas as verdades da Bíblia centralizadas em Jesus Cristo, muito embora seu foco tenha sido apresentar o plano de salvação de Deus para resgatar a humanidade caída através de Cristo Jesus. Eles apresentavam que os seres humanos são salvos somente pela graça e a justificação é uma declaração de Deus que eles são justos por meio de Jesus Cristo, porque ele perdoa os pecados, os torna justos (em conformidade com a lei) e os capacita a viver pela fé uma vida de justiça.

Os comentários de Ellen G. White sobre a mensagem de Waggoner e de Jones fez a mesma ter um significado especial na interpretação histórico-profética da Bíblia entre os Adventistas do Sétimo Dia. Antes de 1888, os pioneiros tinham entendido a fé de Jesus de Apocalipse 14:12 como os preceitos e doutrinas ensinados por Cristo e sua vida fiel dele neste mundo, ao obedecer à lei de Deus. Ter a fé de Jesus era seguir o exemplo de Jesus na

obediência aos mandamentos de Deus.⁸ Depois de 1888, Ellen G. White claramente conecta justificação pela fé com a mensagem do terceiro anjo. Em seus comentários sobre a mensagem apresentada por Jones e Waggoner em 1888, ela descreve estes pontos importantes:

- 1) A preeminência de Jesus Cristo como salvador: “Esta mensagem devia pôr de maneira mais preeminente diante do mundo o Salvador crucificado, o sacrifício pelos pecados de todo o mundo” (WHITE, 2002, p. 91).
- 2) A certeza da salvação pela fé através de Cristo: “Ela apresentava a justificação pela fé no fiador” (WHITE, 2002, p. 92).
- 3) Expande o entendimento protestante de justificação pela fé conectando a justiça de Cristo com a obediência aos mandamentos de Deus. “Ela convidava o povo para receber a justiça de Cristo, que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus” (WHITE, 2002, p. 92).
- 4) Enfatiza a necessidade da dependência e contemplação do caráter de Jesus para poder viver uma vida cristã ativa: “Muitos perderam

⁸ J. N. Andrews (1970, p. 134-135, tradução livre) apresenta no livro, *As Três Mensagens de Apocalipse 14:6-12*, essa compreensão básica dos pioneiros na fé de Jesus, da seguinte forma: “Nós já falamos rapidamente dos mandamentos de Deus; algumas palavras devem ser dedicadas a fé de Jesus. Este termo é usado em distinção dos mandamentos de Deus. Portanto, o que devemos entender como fé de Jesus? Pensamos que não pode se referir a um grau ou tipo de fé que o Salvador exerceu na realização de seus milagres, pois parece que Ele os realizou com o poder que já havia recebido do Pai (Mt 8:2-3; Mc 1:40-41; Lc 5: 23-24). O próprio mundo foi feito por meio dele (Jo 1). Assim, Ele tinha pleno poder para realizar os milagres. Porém existe outro significado para este termo; ou seja, os preceitos e doutrinas do nosso Senhor, como registradas no Novo Testamento. Desse modo, ‘a fé do evangelho’ (Fp 1:27) deve referir aos preceitos e doutrinas do evangelho. ‘A fé’ a qual uma multidão de sacerdotes eram obedientes (At 6:7), que foi combatida por Elimas, o mago (At 13:8), com a qual os apóstolos estavam comprometidos para a obediência de todas as nações (Rm 1:5), que Paulo testifica que tinha mantido (2Tm 4:7), e que deve ser seriamente mantida, como uma vez por todas foi entregue aos santos (Jd 3), deve referir-se aos preceitos doutrinas do evangelho eterno. Que o termo fé de Jesus é usado no sentido de Apocalipse 2:13, não pode ser negado. ‘Que conservas o meu nome’ diz Jesus, ‘e não negaste a minha fé’. Este é o sentido que é usado em Apocalipse 14:12, é ainda mais evidente pelo fato de que é mencionado como sendo mantido da mesma maneira que os mandamentos de Deus são guardados.”

Jesus de vista. Deviam ter tido o olhar fixo em sua divina pessoa, em seus méritos e em seu imutável amor pela família humana. Todo o poder foi entregue em suas mãos, para que Ele pudesse dar ricos dons aos homens, transmitindo o inestimável dom de sua justiça ao impotente ser humano” (WHITE, 2002, p. 92).

5) Conecta a mensagem da justificação pela fé com a terceira mensagem angélica: “Esta é a mensagem que Deus manda proclamar ao mundo. É a terceira mensagem angélica que deve ser proclamada com alto clamor e regada com o derramamento de Seu Espírito Santo em grande medida” (WHITE, 2002, p. 92).

Muito embora Ellen G. White tenha endossado a mensagem de Waggoner e Jones, em alguns pontos ela diverge ou dá um novo sentido àquilo que eles disseram. Dentre estes pontos podemos destacar os seguintes:

1) Diferente de Waggoner, Ellen G. White apresenta que Jesus é eterno, autoexistente, e que “Nunca houve tempo em que Ele não estivesse em íntima comunhão com o eterno Deus” (WHITE, 1997, p. 615).

2) Waggoner defendia que Cristo nunca pecou devido a Sua natureza divina. Ellen G. White apresenta que a vitória de Cristo era através da fé em seu Pai, fruto da oração e uso da Palavra de Deus, e confiança no poder vindo do Pai, através do Espírito. Participar da natureza divina era para ela o receber a justiça de Cristo e viver vitoriosamente sob o poder do Espírito (WHITE, 1997; 1981).

3) Ellen G. White declara que Cristo tomou a natureza humana depois da queda com todas as enfermidades de quatro mil anos de pecado com expressões tais: natureza humana, natureza caída e natureza pecaminosa (apenas uma vez). Todavia ele não tomou sobre si nenhuma mancha nem pecado ou tinha tendências pecaminosas como nós temos. Ela afirma que “Ele humilhou-se em tomar a natureza do homem em seu estado caído, mas ele não tomou a mácula do pecado” (Ellen G. White, *ms.* 93, p. 3). “Ele nasceu sem a mácula do pecado, mas veio ao mundo do modo como a família humana” (Ellen G. White, *Carta 97, 1898*). Ela dá a entender que o fato de Jesus ter tomado a natureza humana caída se relaciona com as fraquezas físicas e não morais.

“Jesus em todas as coisas foi feito semelhante a seus irmãos. Ele se fez carne, como nós somos. Ele sentia fome, sede e cansaço. Ele foi sustentado pelos alimentos e revigorado pelo sono. Ele compartilhou a sorte do homem, mas Ele era o Filho inocente de Deus.

Jesus era Deus em carne e osso” (WHITE, 2000b, p. 311). Ela entretanto adverte que devemos ter muito cuidado ao falarmos sobre a natureza humana de Cristo.

34 Tenha cuidado, muito cuidado sobre o modo como você discorrerá sobre a natureza humana de Cristo. Não apresenta-o perante o povo como um homem com propensões ao pecado. Ele é o segundo Adão. O primeiro Adão foi criado puro, sem pecado, sem ter uma mácula do pecado em cima dele, ele era a imagem de Deus. Ele [Adão] podia cair, e realmente caiu ao transgredir. Por causa do pecado, sua posteridade nasceu com propensões inerentes à desobediência. Mas Jesus Cristo era o Filho unigênito de Deus. Ele tomou sobre si a natureza humana, e foi tentado em todos os pontos como a natureza humana é tentada. Ele poderia ter pecado, Ele poderia ter caído, mas nem por um momento houve nele uma propensão má. Ele foi assaltado por tentações no deserto, como Adão foi assaltado por tentações no Éden (SEVENTH-DAY, 1953, p. 1128).

Ao tomar sobre si a natureza do homem em seu estado caído, Cristo não teve a menor participação em seu pecado. Estava sujeito às fraquezas e deficiências pelas quais o homem está envolto, “para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías, dizendo: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e levou as nossas culpas.” Ele foi tocado com o sentimento de nossas enfermidades, e foi tentado em todas as pontos tal como somos. E no entanto Ele “não conheceu pecado”. Ele era o Cordeiro “sem defeito e sem mancha”. Se Satanás pudesse ter levado Cristo ao pecado no menor particular, ele teria ferido a cabeça do Salvador. Tal como foi, ele só pode tocar-lhe o calcanhar. Tivesse a cabeça de Cristo sido tocada, a esperança da raça humana teria perecido. A ira divina teria chegado a Cristo da mesma maneira como veio sobre Adão [...] Não devemos ter dúvidas quanto a perfeita impecabilidade da natureza humana de Cristo (SEVENTH-DAY, 1953, p. 1131).

Em suma, a mensagem de 1888, a justificação pela fé, foi dada por Deus à Jones e Waggoner, por causa da grande necessidade da IASD de exaltar Cristo como o salvador naquele momento. A principal contribuição de Jones e Waggoner foi à apresentação das verdades da Bíblia centradas em Cristo, como salvador e único caminho para alcançar a salvação; a justiça de Cristo sendo transmitida ao pecador; o próprio relacionamento entre lei e graça; a fé cristã como essencial para a vitória sobre o pecado e a proclamação do evangelho.

As observações de Ellen G. White sobre mensagem de Waggoner e Jones foram significativas para a IASD ao conectar a justificação pela fé à mensagem do terceiro anjo e à vivência cristã. Ela também apresentou qual é a visão correta sobre a divindade e humanidade de Cristo.

A mensagem em 1888

Os pioneiros da IASD viam na mensagem do terceiro anjo, um chamado especial para o povo de Deus. A lei que tinha sido por muito tempo esquecida recebeu então significado especial na restauração final de toda a verdade. A tentativa de defesa da lei de Deus trouxe algumas tendências legalistas que resultaram em experiências não benéficas para a igreja. Ellen G. White estava constantemente enviando mensagens para a igreja insistindo em uma reforma.

A lei e o sábado foram muito importantes na compreensão escatológica da IASD. O sábado era entendido como sendo o selo de Deus e o domingo como sendo o selo da besta. As reuniões em Minneápolis foram vistas por muitos como uma grande oportunidade para a igreja na sua preparação para pregar a mensagem final ao mundo. Ellen G. White escreveu uma mensagem à igreja em agosto de 1888, pedindo preparação espiritual especial para as reuniões, que, segundo ela, seriam os mais importantes que já assistiu” (WHITE, 1987, v. 1, p. 38).

O clima antes da conferência de 1888 não era bom entre os líderes. As duas mais importantes editoras adventistas estavam imprimindo diferentes pontos doutrinários. Ocorreu um conflito em torno do que era considerado antigos marcos do adventismo. Waggoner começou ao pregar que a lei em Gálatas não era a lei cerimonial, mas a lei moral. Butler e Smith estavam dizendo que, se essa posição fosse adotada, o entendimento da validade da lei entraria em colapso. Butler argumentou também que se a igreja adotasse uma nova posição não seria produtiva para a pregação da mensagem, porque, os de fora, veriam nela um retrocesso.

Nas reuniões o espírito de oposição à mensagem de Waggoner prevaleceu entre alguns. A mensagem enfatizou as verdades básicas da justificação pela fé. De acordo com Ellen G. White esta era uma grande oportunidade para um reavivamento. O grupo ficou dividido. Alguns, de bom grado receberam a mensagem. Outros tomaram uma posição neutra, e alguns a rejeitaram. Ellen G. White assumiu uma posição em favor da mensagem de Waggoner. Viu-a como a “mais preciosa mensagem” enviada por Deus.

A mensagem apresentada por Waggoner e Jones em Minneápolis tinha dois opositores principais: G. I. Butler e Uriah Smith. Butler tinha um problema não resolvido com Waggoner no momento da conferência sobre a lei em Gálatas. Smith tinha um contínuo problema com Jones quanto aos dez reinos de Daniel 7. Ambas as partes, uma em Battle Creek e a outra na Califórnia, tinham imprimido na *Review* e na *Sings* artigos em defesa de suas posições. A tensão entre as duas partes chegou ao seu ápice nas reuniões da Conferência Geral em 1888.

Ellen G. White trabalhava na tentativa de trazer unidade e real progresso para a igreja. Nas reuniões em 1888, Smith e todos os que o apoiavam rejeitaram a mensagem da justificação pela fé apresentada por Waggoner. Ellen G. White endossou a mensagem e a promoveu junto com Jones e Waggoner após a conferência. Nos anos que seguiram a conferência, Smith e Butler perderam prestígio na liderança da igreja. Por outro lado, Waggoner e Jones aumentaram em prestígio na liderança da igreja. De acordo com Ellen G. White, a rejeição da mensagem por parte da atual liderança em Minneápolis de 1888 trouxe atraso ao avanço da pregação do evangelho.

Muito embora Butler não tenha permanecido na mesma posição de liderança na Conferência Geral, após 1888, e Smith tivesse perdido espaço em sua liderança na *Review*, a rejeição de ambos à mensagem nas reuniões resultou em grande dano para a igreja. Após as reuniões, Ellen G. White afirmou que “as muitas e confusas ideias em relação à justiça de Cristo e a justificação pela fé são o resultado da posição que você [Smith] tomou em relação aos homens e a mensagem enviada por Deus” (WHITE, 1987c, p. 1053).

Ellen G. White, Waggoner e Jones lideraram muitos reavivamentos após 1888. Eles pregaram a mensagem em muitas partes. “A duas novas administrações da Conferência Geral de O. A. Olsen (1888–1897) e George A. Irwin (1897–1901) responderam positivamente à aprovação da Sra. White, dando a Jones e Waggoner uma ampla exposição em toda a década de 1890” (KNI-GHT, 1998, p. 119). Muitos que tinham tomado parte do grupo que rejeitou a mensagem em Minneápolis e até duvidaram da sinceridade e liderança de

Ellen G. White como mensageira do Senhor arrependeram-se e aceitaram a mensagem com um coração agradecido. No entanto, algumas nunca se arrependeram de sua posição de rebeldia contra a mensagem de Deus.

É interessante notar que a oposição à mensagem de 1888 levou ao cisma, apostasia e divisões. Os dois lados opostos experimentaram, num curto espaço de tempo, uma apostasia entre seus líderes. Jones e Waggoner deixaram a igreja, e muitos outros que rejeitaram a sua mensagem seguiram o mesmo caminho: “Antes de deixar a igreja, estes homens influentes (e outros que permaneceram no adventismo) representaram setores de contínua rejeição” (KNIGHT, 1998, p. 148).

A luz de Minneápolis, exaltando a Cristo, pode ser considerada uma mensagem decisiva. Qualquer ser humano que chegar perante Cristo tem que tomar uma decisão de entrega total ou buscar a justiça própria. Ellen G. White escreveu muitas páginas, após Mineápolis, exaltando Cristo e exortando líderes e leigos para se arrependem. Segundo ela, quando a luz da justiça de Cristo brilhar na vida dos crentes o mundo inteiro será iluminado com a glória de Cristo e Ele poderá vir buscar seus filhos.

Depois da morte de Ellen G. White, a igreja continuou pregando a mensagem de 1888. Entretanto, a reação parece ser a mesma. A aceitação, por muitos parece estar mais em um nível intelectual do que em um nível prático. De um lado, não há uma rejeição aberta, mas sim uma forma de justiça própria como meio de alcançar salvação em nome de Jesus Cristo. Por outro lado, a exaltação de Cristo é apenas um disfarce para os pecados. Divisões, cismas e oposição são vistos em muitos lugares.

A tensão entre a rejeição e a aceitação é baseada em como alguém entende a declaração escrita de uma doutrina e aplicação prática da mesma na vida dos crentes. Os comentários de Ellen G. White sobre a apostasia de Jones são um exemplo claro disso. Ele tinha recebido uma visão clara da mensagem e pregou-a com ousadia, mas nunca foi mudado pelo autor da mensagem (KNIGHT, 1998, p. 150). Uma vez que Ellen G. White endossou a mensagem de Waggoner em 1888 a igreja, depois disto, a incorporou em suas crenças fundamentais. No entanto, a verdadeira reforma que advém desta mensagem não tem sido vista na igreja como um todo.

A mensagem à igreja hoje ainda é focalizada em Cristo e sua justiça. É fundamental contemplar seu caráter, entender como Ele está trabalhando no céu em nosso favor, experimentar seu poder na batalha contra o pecado, compreender como a justiça de Cristo poderá justificar e santificar os crentes, permitindo-lhes obedecer à lei de Deus. Devemos compreender como esta mensagem é importante na preparação para a segunda vinda de Cristo. Devemos permitir que o poder de Jesus seja visto na vida dos crentes, habilitando-os a proclamar a

última mensagem de esperança ao mundo. Permitimos que a luz da mensagem ilumine o mundo para que possam ver que há um remanescente fiel da verdadeira fé de Jesus. Quando a luz da mensagem estiver presente no remanescente, esta os “qualificará para a ‘chuva serôdia’ e ‘o alto clamor’ e os preparará para permanecerem em pé no dia do Senhor” (DAMSTEEGT, 1995, p. 65).

Considerações finais

Este artigo foi escrito com o objetivo de analisar o significado da mensagem de 1888 sobre a IASD. Nessa pesquisa, três coisas chamaram a atenção: Primeiro, as mudanças são inevitáveis. No entanto, como em Minneápolis, a teimosia humana pode ser um obstáculo para o processo de mudança. A defesa de marcos antigos quando não são baseadas em sólidos princípios bíblicos trará estagnação e uma teologia centrada no homem. Por outro lado, mudar por mudar, sem uma sólida fundamentação bíblica e total entrega à direção do Espírito pode unir o mundo à igreja. Todos devem estar abertos a mudanças e a busca do dom espiritual de discernir os espíritos.

38

Em segundo lugar, a exaltação de Cristo deve produzir reavivamento e reforma. Ellen G. White enfatizou muitas vezes a conexão entre justificação e santificação. O conhecimento intelectual ou emocional de Jesus Cristo, a aceitação de um ponto de vista teológico ou a aceitação nominal de Jesus como salvador é inútil se não for seguida por uma transformação em nível prático na vida dos crentes. Os reavivamentos conduzidos por Ellen G. White, Waggoner e Jones produziram na vida de muitos um momentâneo reavivamento. O próprio Jones não permitiu que Jesus Cristo fosse o centro de sua vida. O reavivamento não é um programa de fim de semana: é uma contínua exaltação de Jesus Cristo e mortificação diária de si mesmo. Somente este tipo de relacionamento com Jesus irá produzir uma vida permanente de vitória sobre o pecado e uma verdadeira reforma.

Em terceiro lugar, o entendimento histórico-escatológico da Bíblia é o elemento chave para que mensagem de 1888 seja relevante hoje. Como o Dr. Damsteegt escreveu:

ele é uma característica essencial da Igreja Remanescente, que representa Cristo nossa justiça, que revela a fé salvadora que resulta em perdão e uma obediência à lei e às normas centradas em Cristo. É a chave para uma vida vitoriosa. Ele permite que os crentes sigam o ‘Testemunho de Jesus’, que os transforma em pessoas amorosas

e cuidadosas, que mostram ‘o charme incomparável de Jesus’. Ele transforma os Adventistas do Sétimo Dia num povo santo, que guarda o sábado e pronto para receber o selamento (Ap 7), que qualifica-se para a chuva serôdia e o alto clamor, e prepara-os para estar em pé no dia do Senhor (DAMSTEEGT, 1995, p. 62).

A história da Conferência Geral de Minneápolis, em 1888, deve ser estudada e compreendida pelos adventistas do sétimo dia. Mas a vida de Jesus deve ser o ponto de unidade no estudo desta mensagem. A grande necessidade para nós hoje é de verdadeiro arrependimento, obediência e estudo da Palavra de Deus. Arrependimento individual, reforma, conformidade com os escritos inspirados e uma prática e obediência unicamente pela fé em Cristo, são as maneiras do povo de Deus hoje alcançar a experiência oferecida à igreja em Minneápolis. 

Referências Bibliográficas

1888 MESSAGE Study Committee; Knight, G. R. **A.T. Jones**: The man and the message: a book review. Uniontown, Ohio: The 1888 Message Study Committee, 1988.

1888 MESSAGE Study Committee. **Encouragement**: especially for pastors. Berrien Springs, MI: 1888 Message Study Committee, [19--].

_____. Adventism Triumphant. **Journal of the 1888 Message Study Committee**, v. 1, n. 1, 1990.

_____. Good News Triumphant. **Journal of the 1888 Message Study Committee**. v. 3, n. 2, 1992.

_____. **The 1888 Message Study Committee who why?** Paris, Ohio: 1888 Message Study Committee, 1994a.

_____. **A brief, simple heart-response to recent firm foundation articles**. Paris, Ohio: 1888 Message Study Committee, 1994b.

1888 MESSAGE study committee. **Walla Walla Soul-Winning conference**: it’s time for a new pentacost. Paris, Ohio: 1888 Message Study Committee, 1994.

1888 MESSAGE Study Committee. **What is the 1888 message? Is it biblical?** an answer to inquiries. Berrien Springs, MI: The 1888 Message Study Committee, 1999.

ANDREWS, J. N. **The Three Messages of Revelation 14: 6–12, particularly the third angel's message, and two-horned beast.** Nashville: Southern Publishing Association, 1970.

BLANK, R. H.; WHITE, E. G.; 1888 MESSAGE Study Committee. **How many times did Ellen G. White endorse the message of Jones and Waggoner from 1888–1896?** Berrien Springs: 1888 Message Study committee, 1998.

DAMSTEEGT, P. G. **Development of the Seventh-Day Adventist theology:** an outline. Berrien Springs: Christian Heritage Media, 1995.

GELI, P. **The 1888 message:** rejected or accepted? Andrews University, 1969. (Artigo não publicado)

HUDSON, A. L. **The 1888 message according to Ellen G. White compiled by A.L. Hudson.** Baker: Adventist Forum Association, 1987.

KNIGHT, G. R. **A user friendly guide to the 1888 Message.** Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1998.

MCMAHON, D. P.; WAGGONER, E. J. The Myth and the Man. **Present Truth Magazine.** [s. d.] Disponível em: <http://www.presenttruthmag.com/7dayadventist/Waggoner/index.html>. Acesso em: Mar. 17 2005.

PLUMMER, R. J. **The 1888 message:** accepted or rejected? Andrews University, 1970. (Artigo não publicado).

SEQUEIRA, J. **The 1888 Message of Righteousness by Faith as Taught by E. J. Waggoner and A. T. Jones.** Andrews University, 1971. (Artigo não publicado).

SHORT, D. K.; 1888 MESSAGE Study Committee. **Let history speak:** a review of current proceedings in the Seventh-Day Adventist Church growing out of the primacy of the Gospel Committee Meetings, and their official report to Church Administration Relative to the 1888 General Conference and the 1888 Message. Berrien Springs: The 1888 Message Study Committee, 2001.

VAN DENBURGH, D. A. **The 1888 Message of Jones & Waggoner.** Andrews University, 1972. (Artigo não publicado).

WAGGONER, E. J.; JOSEPH, R. **Christ and his righteousness**. Berrien Springs: Glad Tidings Publishers, 1999.

WHITE, E. G. Repentance the Gift of God. **Review and Herald**. Battle Creek, v. 67 Abr., 1890.

_____. **Parábolas de Jesus**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1986.

_____. **Mensagens escolhidas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008. v. 1.

_____. **Testemunhos para ministros e obreiros**: selecionado de Testemunhos especiais para ministros e obreiros. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

_____. **Patriarcas e profetas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

_____. **Eventos finais**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

_____. **1888 Sermons**. Brushton: TEACH Services, 2000a.

_____. **O Desejado de todas as nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000b.

41

_____. **Primeiros escritos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1976.

_____. **Evangelismo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

_____. **Peter's Counsel to Parents**. Hagerstown: Review and Herald, 1981.

WHITE, E. G.; Ellen G. White Estate Inc. **The Ellen G. White 1888 materials**: letters, manuscripts, articles, and sermons relating to the 1888 Minneapolis General Conference. Washington: Ellen G. White Estate, 1987. v. 1.

WHITE, E. G.; Ellen G. White Estate Inc. **The Ellen G. White 1888 materials**: letters, manuscripts, articles, and sermons relating to the 1888 Minneapolis General Conference. Washington: Ellen G. White Estate, 1987. v. 2.

WHITE, E. G.; Ellen G. White Estate Inc. **The Ellen G. White 1888 materials**: letters, manuscripts, articles, and sermons relating to the 1888 Minneapolis General Conference. Washington: Ellen G. White Estate, 1987. v. 3.

WIELAND, Robert J. **An introduction to the 1888 message itself**: as reproduced from the available writings of Jones and Waggoner. Baker: Adventist Forum Association, 1976.

_____. **Lightened with his glory**: questions and answers about the 1888 message. Paris, Ohio: Glad Tidings, 1991.

_____. **Corporate repentance**: plea of the true witness. Paris, Ohio: Glad Tidings, 1992.

_____. **The 1888 message**: an introduction. Paris, Ohio: Glad Tidings Publishers, 1997.

WIELAND, R. J.; 1888 Message Study Committee. **1888 Made easy**. Paris, Ohio: 1888 Message Study Committee, [19--].

_____. **The Good News is better than you think**. Paris, Oh.: The Glad Tidings, 1990.

_____. **Is beyond belief beyond belief?** Paris, Ohio: 1888 Message Study Committee, 1994.

_____. **I'm confused!** Berrien Springs: 1888 Message Study Committee, 1998.

_____. Dial Daily Bread. **1888 Message**, 2000. Disponível em:
<http://www.andrews.edu/library/jrnlnctrl.cgi?http://1888message.org/dailybread>.
Acesso em: Jan. 30 2001

WIELAND, R. J.; SHORT, D. K. **1888 Re-examined**: 1888–1988, the story of a century of confrontation between God and his people. Ohio: 1888 Message Study Committee, 1987.

WOHLBERG, S. **The 1888 message for the year 2000**: preparing the world for the soon return of Jesus. Boise, Idaho: Pacific Press Pub. Association, 1995.

SEVENTH-DAY Adventist Bible Commentary. Hagerstown: Review and Herald, 1953. v. 5.

Enviado dia 15/08/2011

Aceito dia 20/10/2011

